

Demanda Continua

Continued demand paper

ESPINHO



ESPINHO

ESPINHO

A MEDIAÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA PARA SURDOS POR MEIO DA ADAPTAÇÃO PARA A LINGUAGEM DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

The mediation of literary reading for the deaf through adaptation to the language of comics

Valéria Aparecida Bari¹
Flávia Pieretti Cardoso²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo dissertar sobre o potencial de mediação da leitura literária para surdos, por meio da utilização do recurso já disponível e acessível das adaptações na linguagem das histórias em quadrinhos. O foco principal do trabalho desenvolvido foi sobre as atividades de mediação de leitura durante a escolarização dos surdos. O conteúdo é voltado para a proposta de práticas de leitura escolar e de lazer, pela equipe

ABSTRACT

This article aims to discuss the potential of mediation of literary reading for the deaf, through the use of the available and accessible resource of adaptation to the language of comics. The work's main focus was on reading mediation activities during schooling of the deaf. The content is aimed at the proposal of reading and leisure practic-

¹ Docente da Universidade Federal de Sergipe – UFS, São Cristóvão/SE, Brasil; Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de São Paulo – USP; Líder do PLENA – Grupo de Pesquisa em Leitura, Escrita e Narrativa; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2871-5780>; e-mail: valbari@gmail.com.

² Docente da Universidade Católica Dom Bosco – UCDB, Campo Grande/MS; Especialista em Educação Especial Inclusiva e Licenciada em Letras; Professora e Intérprete de Libras, certificada no PROLIBRAS/MEC; e-mail: flaviapieretti@gmail.com.

multidisciplinar, no ensino fundamental e médio regular, assim como no Atendimento Educacional Especializado, com a presença de pedagogos, psicólogos, bibliotecários e tradutores de Libras. A metodologia utilizada para desenvolvimento da perspectiva teórica, foi a do levantamento de estado da arte e revisão literária. Conclui-se que as adaptações em quadrinhos são recursos de excelente qualidade para a mediação de leitura literária, para leitores novatos surdos, assim como para leitores ouvintes.

PALAVRAS CHAVE

Leitura dos Surdos; Mediação de Leitura; Leitura Literária; Adaptação Literária.

es by the multidisciplinary team, in regular and elementary education, as well as in the Specialized Educational Service, with the presence of pedagogues, psychologists, librarians and Libras translators. The methodology used is a bibliographical, for the development of the theoretical perspective: an examination of the state of the art. It concludes that literary adaptations to the language of comic books are excellent resources for the mediation of literary reading for deaf novice readers as well as for listening readers.

KEY WORDS

Deaf Reading; Mediation of Reading; Literary Reading; Literary Adaptation.

Introdução

A proposta deste artigo é a de discutir possibilidades de formação leitora para surdos, utilizando a linguagem das histórias em quadrinhos, como recurso de adaptação de obras literárias e mediação da leitura literária. As razões pelas quais este trabalho surgiu são ligadas à docência e pesquisa na situação inclusiva em nível superior, na qual os discentes surdos experimentam dificuldades no domínio de conceitos complexos, devido a pouca familiaridade com a Língua Portuguesa em registro escrito³.

Ao dirigir as preocupações para os segmentos da educação formal, imediatamente anteriores à universidade, estaremos preparando os alunos surdos para vivenciarem com autonomia sua educação superior. Ao tornar a leitura

³ Mesmo possuindo doutorado e carreira profissional na docência superior federal em regime efetivo de dedicação exclusiva, a autora buscou a especialização em inclusão, com ênfase em surdez. A mesma foi concluída em 2016 pela UCDB. Este artigo baseia-se na pesquisa desenvolvida como atividade de formação especializada, assim como em aplicações de atividades na disciplina *História em Quadrinhos e Formação do Leitor*, com ementa e docência desenvolvidas pela autora, como docente na UFS.

literária uma fonte de lazer, como benefício adicional, também vamos acrescentar qualidade de vida e fruição intelectual à comunidade surda como um todo.

O problema pesquisado no presente artigo se refere à superação do desenvolvimento deficitário de habilidades, competências, hábitos e gostos leitores entre a comunidade surda, apoiado pela a mediação de leitura literária e formação de leitores nos ambientes sociais letrados: escola, família, comunidade, sociedade.

O objetivo geral do trabalho é a reflexão sobre a viabilidade da mediação da leitura literária para surdos, mediante a utilização do recurso já disponibilizado e acessível da adaptação por meio da linguagem das histórias em quadrinhos. Justifica-se a escolha deste tema de pesquisa, pela necessidade de um estudo exploratório, face à ausência de produção científica aprofundada, que pode contribuir com a inclusão social do surdo nos ambientes de produção intelectual da sociedade.

A erudição e o conhecimento do capital intelectual da literatura também é desejável para todo cidadão, por isso, a mediação literária por meio dos quadrinhos pode ser aplicada para leitores novatos em geral, sejam surdos ou ouvintes. No caso do leitor surdo, a leitura literária também serve para apropriar-se da estrutura da língua utilizada pela maioria das pessoas nos ambientes formais de estudo e trabalho, já que o Português é sua segunda língua, sendo a primeira a Libras.

1. Fundamentação teórica, fulcro legal e metodologia

O marco teórico da elaboração deste artigo, ou seja, uma afirmação importante que respalda o conteúdo deste artigo sobre a educação literária, se configura na ampliação do conceito explicitada por Colomer (2007), que enfatiza o acesso do aluno à leitura literária como a protagonização no debate cultural:

Neste novo marco conceitual ficou claro que o interesse na formação literária na escola não tem como raiz a transgressão de um discurso estabelecido sobre as obras, mas que a educação literária serve para que as novas gerações incursionem no campo do debate permanente sobre a cultura, na confrontação de como foram construídas e interpretadas às ideias de valores que a configuraram. Por conseguinte, tratava-se de desenvolver uma capacidade interpretativa, que permitiria tanto uma socialização mais rica e lúdica dos indivíduos como

a experimentação de um prazer literário que se constrói ao longo do processo (COLOMER, 2007, p. 29).

Para nos debruçarmos sobre o tema de modo adequado, fazendo o desenvolvimento da perspectiva teórica na pesquisa bibliográfica, após o levantamento do estado da arte por revisão de literatura, utilizou-se a metodologia da recensão literária, a fim de buscar as características apontadas pelos especialistas, aplicáveis à categoria de adaptação literária e sua mediação para leitores novatos, com ênfase na situação especial dos surdos. A adaptação literária por meio da linguagem das histórias em quadrinhos pode se apresentar como esquema de leitura, apoiando a compreensão de conteúdos complexos para os surdos:

Dessa forma, a adaptação deve ser trabalhada a partir da adequação do assunto, da estrutura da história, da forma, do estilo e do meio aos interesses e às condições do leitor infantil, o que não representa a escolha por um gênero inferior. Ao aproximar o texto do universo do seu receptor, postula-se a possibilidade de se estabelecer o diálogo entre os mesmos e, por conseguinte, tornar possível à criança o acesso ao mundo real, organizando suas experiências existenciais e ampliando seu domínio linguístico, bem como enriquecendo seu imaginário (CARVALHO, 2006, p. 49).

Este estudo é dirigido aos profissionais que protagonizam as equipes multidisciplinares escolares, atuantes no ensino fundamental e médio, assim como no Atendimento Educacional Especializado (AEE) para surdos, oferecendo insumos para a dinamização de suas atividades de mediação de leitura literária e formação de leitores na prática pedagógica.

Para Colomer, no ambiente escolar: “O debate sobre o ensino da literatura se superpõe, assim, ao da leitura, já que o que a escola deve ensinar, mais do que ‘literatura’ é ‘ler literatura’” (2007, p. 30). O processo de pesquisa foi qualitativo e interpretativo, sendo sua natureza básica e alcance correlacional. Ou seja, este artigo pretende oferecer prognósticos, explicar a relação entre os conceitos “leitura literária” e “histórias em quadrinhos” e qualificar relações entre estes, segundo os mais recentes estudos literários, pedagógicos e informacionais. A importância deste tipo de estudos se dá por que:

Os estudos correlacionais se distinguem dos descritivos, principalmente no fato de que, enquanto estes últimos se centram em medir com precisão as variáveis individuais (algumas das quais podem ser medidas de maneira independente em uma só pesquisa), os primeiros avaliam, com a maior exatidão possível, o grau de vínculo entre duas ou mais variáveis [...] A pesquisa cor-

relacional, de alguma forma, tem um valor explicativo, embora parcial, pois o fato de saber que dois conceitos ou variáveis se relacionam contribui para que se tenha alguma informação explicativa (SAMPIERI ; COLLADO ; LUCIO, 2013, p.104-105).

O fulcro legal que nos leva a desenvolver este estudo inicia sua regulamentação há quinze anos, por ocasião da oficialização da Libras (BRASIL, Lei N. 10.436, 2002), o Brasil já logrou o mérito de aumentar significativamente o número de surdos ingressando na educação formal em todos os níveis, proporcionada a eles também a oportunidade do exercício de docência em todos os níveis. Sob o paradigma da Educação Bilíngue e com a presença cada vez mais frequente dos tradutores de Libras nos ambientes educacionais, o seguimento estudantil surdo vai conquistando espaços antes inexpugnáveis de educação e fruição intelectual. Contudo, ainda são praticamente indisponíveis nos ambientes educacionais da Educação Básica os materiais bibliográficos adaptados, assim como a instalação plena da Biblioteca Escolar, como obriga a legislação (BRASIL, Lei N. 12.244, 2010).

A promulgação do Estatuto da Pessoa com Deficiência, que é a mais recente conquista na luta pela inclusão social, tem seu Capítulo IV (BRASIL, Lei N. 13.146, 2015, Art. 27 a 30) totalmente dedicado à Educação. Seu texto legal apresenta os princípios já explicitados pela Constituição Brasileira de 1988, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, Lei N. 9.394, 1996), pela Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, Portaria MEC N. 555, 2007) e pelo Plano Nacional de Educação – PNE (BRASIL, Lei N. 13.005, 2014).

Ou seja, texto do atual Estatuto da Pessoa com Deficiência é sintético e cumulativo da legislação anterior, redigido e ordenado de modo a organizar melhor diretrizes e normativas que se encontravam dispersas em diversas peças de legislação. No entanto, o mais recente documento normativo da Educação publicado pelo MEC, denominado Base Curricular Comum Nacional (BCCN), muito embora trate da capacitação dos professores para os desafios da educação na atualidade, não mencionou diretamente a situação dos estudantes surdos, que ficou subentendida nas diretrizes do texto (BRASIL, 2017).

Compreendemos que promulgar leis é importante, mas que o cotidiano da educação e da cultura nos exige uma profunda reflexão sobre a concretização

de seus princípios e seu efetivo cumprimento. Aprofundando ainda mais a discussão, é importante que a sociedade se antecipe à regulamentação e aplicação das medidas legais, durante o processo social em pleno andamento.

Como efeméride ocorrida no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) aplicado em 5 de novembro de 2017, o tema completo para o texto dissertativo solicitado foi “Desafios para a formação educacional de surdos no Brasil”. O ocorrido gerou intensa polêmica, que ocupou a imprensa e serviu de retroalimentação à equipe de especialistas do Ministério da Educação (MEC). A reação social ao fato agregou informação à população e despertou pronunciamentos oficiais do MEC, no sentido de apoiar políticas públicas e ações em âmbito estadual e municipal, no âmbito do Ensino Básico, Fundamental e Médio (VERDÉLIO, 2017).

Com o intuito de providenciar melhores condições na educação inclusiva, devemos observar criteriosamente as condições e recursos já disponíveis, aplicando nossos conhecimentos para viabilizar a melhor experiência educacional para toda a comunidade escolar no presente imediato. Para os surdos e outras pessoas com deficiência sensorial, cada iniciativa representará um avanço em direção ao desenvolvimento de habilidades, competências, gostos e hábitos que se configurem como apoiadores do êxito educacional e empregabilidade. Para Franco (2009):

O fato é que se pode identificar um processo de crescente visibilidade de indivíduos que anteriormente estavam localizados à margem do processo social. Potencializados, esses indivíduos são objeto de políticas públicas, ganham notoriedade na mídia e passam a ocupar, paulatinamente, o espaço do exercício da diferença, criando demandas e deixando transparecer a gama de enfrentamentos ainda necessários à perspectiva da inclusão como espaço da liberdade. No caso da comunidade surda, não poderia ser diferente. Aqueles que ao longo de séculos tiveram seu processo de comunicação oprimido e sua língua, muitas vezes, proibida de ser expressa, ganham o direito de serem educados a partir dessa língua, agora reconhecida e oficializada como uma expressão linguística alternativa (FRANCO, 2009, p.15).

De fato, a publicação do decreto que elevou à Libras a categoria de componente curricular (BRASIL, Decreto N. 5.626, 2005), assim como a posterior adoção dos tradutores nas práticas pedagógicas, sinalizou uma nova relação entre o estudante e professor surdo e seus interlocutores. Internacionalmente, a evolu-

ção deste quadro também levou as teorias educacionais e o ensino de línguas a apoiarem a educação de surdos como Educação Bilíngue, cuja primeira língua é de sinais, sendo a segunda língua a falada e escrita, inovando totalmente a prática pedagógica anterior.

2. A formação leitora dos surdos na escola e sociedade A

A formação do gosto pela leitura, principalmente para os leitores novatos, é facilitada pela criação de situações de leitura cotidiana, principalmente quando as mesmas não estão vinculadas a uma utilidade da vida, pois isto descaracteriza um momento de lazer. A leitura de lazer, muito embora tenha o potencial de ser tão informativa quanto à leitura escolar e profissional, tem objetivos de fruição intelectual diferentes. A leitura literária, muito embora seja desenvolvida principalmente para o lazer, representa um grande desafio intelectual para os surdos, pois eles têm como primeira forma de comunicação a Língua Brasileira de Sinais (Libras), que tem característica predominantemente ágrafa. Segundo Lacerda (1998):

A educação de surdos é um assunto inquietante, principalmente pelas dificuldades que impõe e por suas limitações. As propostas educacionais direcionadas para o sujeito surdo têm como objetivo proporcionar o desenvolvimento pleno de suas capacidades; contudo, não é isso que se observa na prática. Diferentes práticas pedagógicas envolvendo os sujeitos surdos apresentam uma série de limitações, e esses sujeitos, ao final da escolarização básica, não são capazes de ler e escrever satisfatoriamente ou ter um domínio adequado dos conteúdos acadêmicos (LACERDA, 1998, p.68).

Uma vez vencida a resistência contra a regulamentação da Libras, verificou-se que a questão da formação de leitura do surdo se estende para além da apropriação da língua falada e escrita. Isto se dá pelo fato de que a sua primeira língua, formada por sinais, se organiza por meio de um conjunto de gestos que simbolizam conceitos, sem a utilização de uma estrutura ortográfica. Então, a Libras e outras línguas de sinais que são oficialmente adotadas em diferentes países são organizadas segundo uma lógica muito diferente das línguas faladas.

Adentramos um problema central na questão da apropriação da língua falada e escrita pelos surdos: a pouca identificação com a expressão, as ideias e os conceitos presentes na Língua Portuguesa, falada ou escrita, em contraste com os aspectos ágrafos e expressivos da Libras. Esta falta de sentido se caracteriza,

principalmente, pela dificuldade em compreender os sentimentos e as narrativas registradas no labirinto simbólico da escrita, seu estilo, suas metáforas. Então, lamentavelmente, a leitura dos Clássicos da Literatura sempre foi inacessível a maior parte dos surdos, mesmo os letrados, pela falta de transparência da matriz linguística, ou seja, porque o texto escrito não comove o surdo.

Como toda evolução tecnológica atualiza problemas e questões sociais, a educação e socialização dos surdos passa por uma nova série de problemas no século XXI. A descoberta dos implantes cocleares e sua aplicação, por um lado apresentou-se como uma opção de acessibilidade para os surdos, por outro lado enfatizou na sociedade a questão “clínica” da surdez. Ou seja, a imagem atual da surdez cada vez mais vista como uma doença e do implante coclear como sua cura. Esta visão tem comprometido a inclusão dos surdos, a medida que existe um discurso de normalização de sua condição, substituindo a constatação da diversidade cultural. Desse modo, para Dorziat (2011):

O estigma da deficiência, que sempre o caracterizou, parece não deixar margem para outras possibilidades de desenvolvimento, que não seja a busca da racionalidade técnica, seja médica, reabilitacional ou educacional, enfocando ora a oralidade, ora a língua de sinais. [...] Isso significa que a diferença é mantida como atração, excentricidade, mas apagada, para fins ideológicos, de controle disciplinar (DORZIAT, 2011, p. 12).

Para que a educação dos surdos seja realmente emancipadora da identidade, que respeite a diversidade de pensamento e conhecimento e cultura surda, torna-se necessário que a escola supere a sua tendência à uniformização e regulação. É preciso deixar de classificar o surdo segundo o critério da deficiência, passando a vislumbrar a sua eficiência. Muito mais importante de que buscar o tortuoso caminho da apropriação do capital intelectual em moldes predominantemente textuais, a educação dos surdos deverá primar pela sua apropriação dos conteúdos e ressignificação, segundo sua forma de interação, predominantemente imagética. No convívio escolar da atualidade, para Gesser (2009):

A surdez como deficiência pertence a uma narrativa assimétrica de poder e saber; uma “invenção/produção” do grupo hegemônico que, em termos sociais, históricos e políticos, nada tem a ver com a forma como o grupo se vê ou se representa [...] No discurso predominante, ignora-se completamente o fato de que as alteridades às quais se refere como “deficientes” são cidadãos e sujeitos políticos que se articulam e fazem parte de movimentos

sociais e militâncias; [...] Infelizmente, na nossa sociedade, o aspecto cultural da surdez é ainda mais difícil de ser aceito quando os discursos recaem e se fixam exclusivamente no fenômeno físico (GESSER, 2009, p.67).

Quando discutimos então os aspectos da leitura literária dos surdos, considerando todos os aspectos complicadores que buscam tratá-lo como um deficiente em recuperação que precisa interagir com o registro escrito da Língua Portuguesa como lhe “entra pelos olhos”, verificamos que o preço da uniformização é a completa aversão pela leitura de qualquer natureza. No entanto, o bilinguismo adequadamente aplicado acarreta em princípios que respeitam a cultura da Libras e consideram que existe a possibilidade do estudo por meio da adaptação, aqui entendida como tradução. Dessa forma, segundo Lodi (et al., 2004):

Enfatizamos que a língua de sinais deva ser considerada e desenvolvida como a primeira língua dos surdos e que práticas educacionais para o ensino da segunda língua, ou língua estrangeira, sejam conhecidas, estudadas e aplicadas pelos educadores para o ensino do português escrito. Centrar o ensino apenas no aspecto gramatical não basta para a formação de sujeitos letrados, pois o acesso à escrita só será pleno quando ela for tratada e concebida como prática social de linguagem, cultural social, histórica e ideologicamente determinada (LODI; HARRISON; CAMPOS, 2014, p. 34).

Numa atividade cujo componente do prazer é essencial à descoberta, é essencial que os professores, equipe multidisciplinar, pais, responsáveis e outros protagonistas na mediação de leitura lancem mão de recursos poderosos para viabilizar o encontro do surdo com a sua leitura. Então, a partir deste ponto, podemos falar na adaptação literária, como recurso de mediação poderoso e igualmente importante para leitores novatos surdos e ouvintes. Mastroberti (2011) verifica que o conceito de adaptação literária se estabelece dentro de uma funcionalidade social de mediação dos conteúdos da obra literária ao leitor novato. O leitor surdo, como proveniente da língua de sinais e ingressante na linguagem escrita e, se for o desejo da família, na linguagem oral, possui as características de um leitor novato e, portanto, é beneficiário das propriedades da adaptação literária pois, para Mastroberti (2011):

O conceito de adaptação proposto por Carvalho apresenta-se, portanto, dentro de uma funcionalidade prática sociocultural; o autor-adaptador estaria, através dos recursos de sua escrita própria, calibrando uma cultura escritural consagrada, porém inacessível à compreensão de uma tipologia de leitor ainda não plenamente operante dos signos da linguagem. (MASTROBERTI, 2011, p. 105)

Por outro lado, as adaptações até recentemente haviam sofrido muitas críticas acadêmicas, por se distanciarem do texto-fonte e não constituírem “a verdadeira literatura”. Porém, abordagens mais recentes valorizam as adaptações, como formas de promover a familiarização com os enredos literários, de forma mais acessível aos leitores novatos. Ao rever a questão da literatura infantil criada ou adaptada, como narrado por Colomer (2003):

Os esforços se centraram então, mais do que em procurar marcas literárias, em definir os traços específicos da literatura para crianças e em julgar as obras pelo seu êxito no uso das convenções de gênero. Muitos autores se aplicaram em estabelecer estas características próprias, em listas que incluíam esses traços, como por exemplo o protagonismo de crianças e jovens, a flexibilidade especial das possibilidades dos acontecimentos narrados, determinados elementos recorrentes nas tramas (a prova, a viagem através do tempo, golpes de sorte e formas distintas de iniciação à idade adulta), etc. Nesta visão, se entende que a imaturidade linguística, emocional e intelectual dos receptores determina, precisamente, as limitações inerentes ao gênero, e passou-se a assinalar, repetidamente, que qualquer gênero literário têm limitações e que a literatura infantil e juvenil não é uma exceção. (COLOMER, 2003, p. 51)

Para os surdos, a propriedade mais importante na adaptação literária por meio da linguagem das histórias em quadrinhos é a demarcação da passagem do tempo literário e a passagem de cenas para construir a narrativa em tempo real, passado e presente e sua distinção do sonho, do onírico e das hipóteses. Por meio desse importante recurso de mediação da leitura literária, também é possível criar a sensação do passar do tempo na leitura, desenvolvendo no cérebro do leitor surdo propriedades que o auxiliarão em todo o tipo de leituras posteriores.

3. Leitura literária dos surdos e adaptações em quadrinhos

A adaptação literária por meio da linguagem das histórias em quadrinhos, que passaremos a chamar de “adaptação em quadrinhos”, consiste na versão, releitura ou recriação literária, utilizando parcialmente a tradução da obra inspiradora, com apropriação de conteúdos, enredos, discursos, informações, para a conversão ao código visual-verbal que a caracteriza. Na literatura especializada, frequentemente encontraremos as denominações quadrinhização ou quadrinização, para a adaptação em quadrinhos e seus diferentes contextos de editoração e uso.

O novo formato de apresentação do texto-fonte se define como uma narrativa sequencial de matriz visual-verbal, na qual não se pode separar o texto escrito e imagem na produção de sentido. Sua produção se vincula aos hábitos leitores e sua intencionalidade se refere à criação de uma narrativa sequencial com linguagem de matriz visual-verbal que promova a mediação do conteúdo de uma obra literária anteriormente publicada. Porém, sua aceitação no ambiente escolar, nas bibliotecas e outros espaços sociais onde se cultivam hábitos e gostos leitores ainda encontra resistência e questionamentos. Segundo Colomer (2003):

Cabe assinalar, no entanto, que a aceitação da ideia de literatura “pura”, que se degrada com qualquer tipo de condicionamento criativo, se acha ainda presente em muitos setores culturais, que sem seguir de perto o debate dos últimos anos, mantiveram inquestionável este pressuposto (COLOMER, 2003, p.53).

Muito embora as adaptações em quadrinhos não estejam visando especificamente o leitor surdo, são plenamente utilizáveis na familiarização do mesmo com os chamados clássicos da literatura. Finalmente, a tradução do texto na matriz visual-verbal ajuda a contextualizar, verificar a passagem do tempo, organizar a narrativa e familiarizar o leitor novato com as estruturas da linguagem escrita.

Além disso, as histórias em quadrinhos se apresentam como leitura bem familiar em todos os ambientes de convivência dos surdos, uma vez que fazem parte do universo infantil e jovem da leitura de lazer de muitos brasileiros. No Brasil, o uso da linguagem das histórias em quadrinhos como recursos de adaptação literária há mais de um século, tendo sido utilizada como disseminadora de leitura com muito êxito. Segundo Mendonça (2010):

A grande difusão da quadrinização como recurso de textualização que, de certa forma, democratiza o acesso a certas informações, também é um fenômeno recente, que tomou impulso a partir da segunda metade do século XX. [...] As imagens, geralmente caricaturais, e a narrativa de ficção, característicos da maioria das HQs, seriam diferenciais que deixariam o “texto” mais leve e mais inteligível. A voz do senso comum já nos diz que vivemos a geração da imagem e, portanto, como já destacamos a presença de outras semioses, que não exclusivamente a verbal, é uma opção cada vez mais comum, seja no domínio da ciência, da publicidade ou do jornalismo. (MENDONÇA, 2010, p. 27)

Como motivação extrínseca, podemos falar das qualidades que hoje elevam a adaptação literária à condição de gênero constitutivo da literatura

infanto-juvenil (CARVALHO, 2011). Isto significa, na prática, que a leitura das adaptações não é mais vista como uma subcategoria de leitura por grande parte dos acadêmicos. Então, a experiência leitora do surdo não será inferiorizada, será apenas diversificada em relação ao leitor que buscar os textos originais, traduzidos ou adaptados sem o uso da matriz visual-verbal. Atentando aos aspectos da produção, disponibilização e consumo de bens culturais literários, a editoração das adaptações em quadrinhos é massiva e seu valor de compra é igual ou inferior às publicações de livros convencionais.

Aprofundando-nos nas razões do êxito desta natureza de adaptações, verificamos que as histórias em quadrinhos têm a propriedade de desenvolver a emoção na leitura, que preserva a ludicidade infantil e a rebeldia adolescente, criando vínculos leitores por toda a vida. Além disso, a linguagem das histórias em quadrinhos tem propriedades que ativam e integram as duas amígdalas do cérebro, convidando à leitura espontânea e estimulando a afetividade, favorecendo o aparecimento de situações de compartilhamento. Desse modo, a leitura do surdo vai chamar a atenção positivamente e poderá levá-lo a mediar também suas histórias em quadrinhos com amigos, colegas, irmãos, surdos ou ouvintes.

Contudo, é necessário visualizar que o letramento escolar possui objetivos e metodologia própria, que nem sempre corresponderá aos interesses espontaneamente adquiridos e compartilhados no letramento social. Ou seja, este estudo não defende a perfeita equivalência entre a leitura do texto adaptado e o seu original, mas visualiza a retroalimentação desses dois processos e sua importância para os leitores surdos, para a formação de repertório linguístico e significações da prática leitora:

O que muitos pesquisadores da leitura discutem, e que afirmamos neste trabalho, é que o letramento escolar e o letramento social, embora situados em diferentes espaços e vivências pessoais, são partes dos mesmos processos sociais mais amplos. Por isso, a leitura da história em quadrinhos habilita a mente para contextos de leitura escolar e social, ainda acrescentando um exercício de interpretação iconográfica imprescindível na atualidade, sob o advento das novas tecnologias e a convergência das linguagens para os suportes digitais, com a hibridização de letras, ícones, desenhos, imagens, sons, num ambiente cognitivo complexo. (BARI, 2015A, p. 50)

A história em quadrinhos contextualiza-se como mídia e linguagem formadora de leitores (BARI, 2015A), por meio da:

- Consolidação da teoria construtivista e do acercamento sócio-histórico na Educação, com a superposição dos modelos teóricos nas práticas pedagógicas da Alfabetização e do Letramento;
- Ênfase nas funções educacionais das revistas e álbuns de histórias em quadrinhos em geral, para a prática da leitura de lazer de modo contínuo, em vários ambientes sociais;
- Modificação do cotidiano social, que amplia o âmbito de significações do ato de ler: apropriação de informações, acesso às diferentes mídias e linguagens, capacidade crítica de seleção, apreciação, busca, formação de gostos pessoais.

A história em quadrinhos possui as propriedades descritas, pois apresenta um texto híbrido de imagem e texto. Segundo constatações anteriores da autora desse artigo:

Além das virtudes já elencadas, a linguagem da história em quadrinhos é universalizante e foi desenvolvida a partir da esquematização imagética da narrativa, sendo que texto e imagem cumprem funções complementares. Desse modo, o texto não descreve a imagem e a imagem não ilustra o texto, ambos elementos linguísticos trabalham em conjunto para construir um significado, com camadas de sentido que são desveladas pelo leitor. Para o leitor surdo, estes recursos de linguagem conjugados facilitam a compreensão dos conteúdos sub-reptícios do texto, auxiliando na apropriação do conteúdo da leitura, na comoção e no despertar dos conteúdos afetivos que se encontravam ocultos na formalidade do texto escrito. (BARI, 2015B, p. 132)

Com efeito, apesar de não buscarem frequentemente a leitura, os estudantes “querem ler as histórias em quadrinhos” (VERGUEIRO, 2004, p. 21). Os surdos, hoje estudando em ambientes educacionais inclusivos, também poderão vir a desenvolver este querer, motivados pelo comportamento leitor dos próprios colegas. E quando se unem o desejo, a necessidade e a vontade, pode-se realmente trabalhar em um patamar diferenciado a proposta da leitura e a sua mediação, em diferentes ambientes sociais. Tudo isso vai compor uma motivação intrínseca ao surdo, que o ajudará a superar as dificuldades iniciais da leitura mediada e poderá garantir momentos de lazer e aprendizagem.

Além de desenvolver as habilidades e competências leitoras, a mediação da leitura por meio da adaptação em quadrinhos também apoia a formação de leitores críticos entre os surdos, colocando-os inclusive em posição de debater

com leitores ouvintes, por meio da apropriação propiciada pelos seus recursos de linguagem, pois:

O que muitos pesquisadores da leitura, em âmbito mundial, discutem sob diferentes epístemes, é que o letramento escolar e o letramento social, embora situados em diferentes espaços e vivências pessoais, são partes dos mesmos processos sociais mais amplos. Por isso, as leituras de histórias em quadrinhos habilitam a mente para contextos de leitura escolar e social, ainda acrescentando um exercício de interpretação iconográfica imprescindível na atualidade, sob o advento das novas tecnologias e a convergência das linguagens para os suportes digitais, com a hibridização de letras, ícones, desenhos, imagens, sons, num ambiente cognitivo complexo. (BARI, 2008, p. 111)

Mais uma vantagem para os surdos: a recriação dos clássicos da literatura por meio da adaptação em quadrinhos ainda permite uma atualização de referenciais imagéticos, que tornam sua leitura muito mais interessante, embora mantendo a essência do enredo clássico que o tempo não apagou. Assim, já contando previamente com um enredo consagrado, a adaptação em quadrinhos dá oportunidade ao quadrinhista ou equipe de aprofundar sua expressão artística e a recriação da obra, na segurança de que os experimentos, ousadas e licenças poéticas representarão menor estranhamento ou impacto social negativo na comercialização do produto editorial. Segundo Mastroberti (2011):

Longe de se constituir uma traição às origens, reescrituras, filmagens, jogos, quadrinhos, ilustrações - entre outros produtos da cultura plurimidiática - são versões em que a predominância do caráter recreativo deve torná-las reconhecidas por aquilo que são: pós-produções inter ou intrasemióticas que atualizam um original, reinventando-o para a contemporaneidade; ao fazê-lo, instigam e seduzem o leitor por si mesmas, sem deixar de excitar a curiosidade sobre a obra que lhes é anterior. Pela liberdade com que lidam com os dados significativos e estéticos já existentes, satisfazem à leitura e emancipam a subjetividade leitora para o narrativo-literário e não através dele (MASTROBERTI, 2011, p. 110).

Sob o princípio da leitura por prazer e fruição intelectual para os surdos, a mediação de adaptação em quadrinhos pode também representar o desenvolvimento de habilidades e competências leitoras comuns a outros tipos de textos. A adaptação em quadrinhos implica na adaptação literária, que é um tipo de versão literária consagrado, no qual ocorre a releitura e recriação, com supressão de conteúdos, tradução e ressignificação, para uma matriz de linguagem visual-

-verbal, gerando um trabalho inédito em relação ao texto-fonte. Como explica Carvalho (2006):

Dessa forma, a adaptação deve ser trabalhada a partir da adequação do assunto, da estrutura da história, da forma, do estilo e do meio aos interesses e às condições do leitor infantil, o que não representa a escolha por um gênero inferior. Ao aproximar o texto do universo do seu receptor, postula-se a possibilidade de se estabelecer o diálogo entre os mesmos e, por conseguinte, tornar possível à criança o acesso ao mundo real, organizando suas experiências existenciais e ampliando seu domínio linguístico, bem como enriquecendo seu imaginário. (CARVALHO, 2006, p. 49)

Na área abrangente da cultura, o estudo verificou a aplicação do conceito de apropriação, conforme descrito por Roger Chartier (1991, p. 80) como fenômeno que “visa uma história social dos usos e das interpretações, referidas as suas determinações fundamentais e inscritas nas práticas específicas que produzem”. A apropriação da obra literária ocorre por meio da adaptação, no que concerne à identificação entre o leitor surdo e sua leitura, empatia ou outros sentimentos que se desenvolvem com relação aos personagens, enredos, desfechos, surpresas e outros elementos psicológicos que só a literatura pode nos oferecer.

Na adaptação em quadrinhos, parte dos conteúdos originalmente registrados por escrito no texto-fonte converte-se em imagens, sendo que o ritmo da narrativa passa a ser impresso pelas vinhetas, que mostram o curso dos acontecimentos de uma forma mais natural, ajudando o leitor surdo a compreender o desenrolar da ação, criando mais uma camada de informação que aprofunda a semantização do texto original. Outro recurso de linguagem importante para a leitura do surdo é a adaptação por meio da contextualização da obra em seu local e época de concepção. É importante principalmente nas obras onde a erudição ou o contexto historicamente descolado, que trabalha a partir de muitas figuras fantasiosas e metafóricas, torna-se pouco inteligível para o leitor surdo que se aventurar a ler diretamente o texto escrito.

Outra importante propriedade se refere aos conteúdos sub-reptícios que se inscrevem na obra literária inspiradora, mas são de difícil percepção ao leitor surdo. Elementos linguísticos presentes na escrita, como a insinuação, a metáfora e a ironia não pertencem à linguagem gestual e são de difícil compreensão pelos surdos no texto. No entanto, por meio da adaptação em quadrinhos, as vinhetas vão criar o contraste entre a fala e a realidade, criando o efeito irônico.

Também é importante para o letramento do surdo a propriedade da formação de gostos pessoais de leitura. As adaptações em quadrinhos, mediante os seus recursos de linguagem, conseguem apoiar a formação de gosto, por meio da apropriação e ressignificação do conteúdo legível. Ao compreender a narrativa, o surdo pode ler e descobrir se gosta daquele autor e de sua forma de construir a narrativa, inclusive podendo comparar diferentes adaptação em quadrinhos dos mesmos textos-fonte, pois os mais famosos estão assim disponibilizados no mercado editorial.

Considerações finais

Ao mediar a leitura literária com o apoio do recurso da adaptação em quadrinhos, abriremos oportunidades para o aumento do repertório linguístico e da erudição dos surdos. Contudo, também estamos oportunizando a própria expressão da produção intelectual dos surdos, uma vez que a leitura e a apropriação do texto abrem o diálogo entre os seus autores e este leitor específico, numa via de mão dupla. Assim, a contribuição da comunidade surda à produção intelectual e técnico-científica poderá ser cada vez mais significativa, adicionando diversidade aos pontos de vista da produção e difusão social de conhecimento.

Segundo diversos especialistas, a adaptação literária não é mais considerada como deturpadora da leitura, mas é um poderoso recurso de mediação e formação de leitores, sejam eles surdos ou ouvintes. Mas, o leitor novato surdo tem muito a ganhar, já que sua primeira língua, a Libras, possui características ágrafas, e o texto escrito em Português apresenta grande complexidade para a compreensão de conceitos, tramas, enredos e figuras eruditas de linguagem.

Além disso, a relação construída entre o surdo e o mundo privilegia o olhar e o imagético, sendo este um elemento facilitador da compreensão de imagens, ícones, e da semiologia presente nas vinhetas das histórias em quadrinhos. Além disso, as características da adaptação literária em quadrinhos correspondem às recomendações pedagógicas que norteiam o Atendimento Educacional Especializado (AEE) voltado para os surdos, com a adaptação funcionando como esquematização do texto escrito, acrescentando também o caráter de formato universal.

Por essas razões, as adaptações literárias para a linguagem das histórias em quadrinhos são recursos de excelente qualidade para a mediação de leitura literária, para leitores novatos surdos, assim como para leitores ouvintes. Encontram-se acessíveis nos espaços escolares, devido às políticas públicas como o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e o Programa Nacional da Biblioteca na Escola (PNBE). Possuem grande potencial, como recurso de mediação da leitura literária, por todos os profissionais envolvidos na formação dos leitores no ambiente escolar: pedagogos, bibliotecários, psicólogos, tradutores, entre outros. Sua utilização competente trará resultados benéficos e potencializará o letramento e a experiência da apropriação dos clássicos da literatura pelos estudantes surdos.

REFERÊNCIAS

BARI, V. A. História em quadrinhos e leitura: desafios colocados aos educadores. In: SANTOS NETO, E.; SILVA, M. R. P. *Histórias em quadrinhos e práticas educativas: os gibis estão na escola, e agora?* São Paulo: Criativo, 2015. p. 45-59.

BARI, V. A. *O potencial das histórias em quadrinhos na formação de leitores: busca de um contraponto entre os panoramas culturais brasileiro e europeu*. 2008. 248 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-27042009-121512/pt-br.php>>. Acesso em 22 nov. 2017.

BARI, V. A. A quadrinhização como recurso de mediação da leitura literária do surdo. In: MODENESI, T. V.; BRAGA JÚNIOR, T. X. *Quadrinhos e educação: Procedimentos didáticos*. Jabotão dos Guararapes: SOSEC, 2015. p. 125-143.

BRASIL, Casa Civil. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília: Explanada dos Ministérios, 05 de outubro de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em 22 nov. 2017.

BRASIL, Casa Civil. *Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146)*. Brasília: Explanada dos Ministérios, 06 de julho de 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm>. Acesso em 22 nov. 2017.

BRASIL, Casa Civil. *Lei da Universalização da Biblioteca Escolar (LEI nº 12.244)*. Brasília: Explanada dos Ministérios, 24 de maio de 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12244.htm>. Acesso em 22 nov. 2017.

BRASIL, Casa Civil. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394)*. Brasília: Explanada dos Ministérios, 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em 22 nov. 2017.

- BRASIL, Casa Civil. *Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS* (Lei nº 10.436). Brasília: Explanada dos Ministérios, 24 de abril de 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm>. Acesso em 22 nov. 2017.
- BRASIL, Casa Civil. *Plano Nacional de Educação - PNE* (Lei nº 13.005). Brasília: Explanada dos Ministérios, 25 de junho de 2014. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm>. Acesso em 22 nov. 2017.
- BRASIL, Casa Civil. *Regulamentação da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS* (Decreto nº 5.626). Brasília: Explanada dos Ministérios, 22 de dezembro de 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em 22 nov. 2017.
- BRASIL, Casa Civil. *Lei nº 13.415* (Conversão da MP 746/2016). Brasília: Explanada dos Ministérios, 16 de fevereiro de 2017. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm#art1>. Acesso em 22 nov. 2017.
- BRASIL, Ministério da Educação. *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva* (Portaria MEC nº 555). Brasília: MEC, 09 de outubro de 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16690-politica-nacional-de-educacao-especial-na-perspectiva-da-educacao-inclusiva-05122014&Itemid=30192>. Acesso em 22 nov. 2017.
- BRASIL, Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 02 de abril de 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>>. Acesso em 22 nov. 2017.
- CARVALHO, D. B. *A adaptação literária para crianças e jovens*: Robinson Crusoe no Brasil. (Tese de Doutorado em Letras) Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, setembro de 2006.
- CHARTIER, R. O mundo como representação. *Revista Estudos Avançados da USP*. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados IEA/USP, v.5, no. 11, jan/abr, 1991. p. 80.
- COLOMER, T. *A formação do Leitor Literário*: narrativa infantil e juvenil atual. São Paulo: Global, 2003.
- COLOMER, T. *Andar entre livros*: a leitura literária na escola. São Paulo: Global, 2007.
- DORZIAT, A. (Org). *Estudos surdos*: diferentes olhares. Porto Alegre: Mediação, 2011.
- FRANCO, M. Educação superior bilíngue para surdos: o sentido da política inclusiva como espaço da liberdade: primeiras aproximações. *Revista Brasileira de Educação Especial*. Marília, v.15, n.1, p.15-30, jan.-abr. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbee/v15n1/03.pdf>>. Acesso em 22 nov. 2017.
- GESSER, A. *Libras? Que língua é essa?* Crenças e preconceitos em torno da Língua de Sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009. (Estratégias de Ensino, 14)
- LACERDA, C. B. F. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos. *Cadernos CEDES* [online]. 1998, vol.19, n.46, pp. 68-80. ISSN 0101-3262. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32621998000300007>>. Acesso em 22 nov. 2017.
- LODI, A. C. B.; HARRISON, M. P.; CAMPOS, S. R. L. de (Orgs.). *Letramento e minorias*. Porto Alegre: Meditação, 2014.

LODI, A. C. B. Plurilingüismo e surdez: uma leitura bakhtiniana da história da educação dos surdos. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 31, n. 3, p. 409-424, set./dez. 2005. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a06v31n3.pdf>>. Acesso em 22 nov. 2017.

MASTROBERTI, P. Adaptação, versão ou criação? Mediações de leitura literária para jovens e crianças. *Revista Semioses*. Rio de Janeiro: Centro Universitário Augusto Mota (UNISUAM), vol. 01. Número 08, fev. 2011. p.104-112. Disponível em: < http://apl.unisuam.edu.br/semioses/pdf/n8/n8_textoslivres_02.pdf>. Acesso em 22 nov. 2017.

MENDONÇA, M. *Ciência em quadrinhos: imagem e texto em cartilhas educativas*. Recife: Bargaço, 2010. (Coleção Teses)

SALLES, H. M. M. et alii. *Ensino de Língua Portuguesa para surdos*. Brasília: MEC/SEESP, 2004.

SAMPIERI, R. H. ; CALLADO, C. F. ; LUCIO, M. D. P. B. *Metodologia da pesquisa*. Porto Alegre: Penso, 2013.

SILVA, V. M. T. *Leitura literária e outras leituras: impasses e alternativas no trabalho do professor*. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

VERDELIO, A. MEC vai apoiar formação de professores para educação de surdos, diz ministro. In: *Agência Brasil*. Brasília: EBC, 6 nov. 2017. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2017-11/mec-vai-apoiar-formacao-de-professores-para-educacao-de-surdos-diz-ministro>>. Acesso em 22 nov. 2017.

VERGUEIRO, W. Uso das HQs no ensino. In: RAMA, A.; VERGUEIRO, W. (Orgs.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 7-29.

